



A JOGADA DE LULA

Por: Antonio Tozzi

Miami (EUA) - Às vésperas de transmitir o cargo de presidente do Brasil ao seu sucessor ou sucessora, Lula vem investindo claramente em sua imagem internacional. Não é segredo para ninguém que ele sonha com um cargo de destaque num organismo internacional. O ideal seria, é claro, ocupar o cargo de Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

Pensando exatamente nessa projeção internacional, o líder brasileiro está tentando construir uma simpatia entre a comunidade mundial. Por isto, meteu-se numa empreitada difícil, mas com risco calculado: promover a negociação com Mahmud Ahmadinejad em torno do uso de energia nuclear para fins pacíficos.

Lula e seus assessores pesaram os prós e os contras antes de embarcar nesta aventura. Se ele não conseguir nenhum tipo de avanço, nada a lamentar. Afinal, tantos tentaram e todos falharam. Caso obtenha algum tipo de compromisso do líder iraniano, atrairá a atenção de toda a mídia mundial.

Isso seria fenomenal, sobretudo depois de figurar na relação das pessoas mais influentes do mundo, numa lista publicada pela revista Time recentemente. Vale destacar, no entanto, que o autor da lista foi o controvertido cineasta Michael Moore, o que coloca qualquer tipo de lista sob suspeita, dado que o sujeito é extremamente passional e tem uma visão míope do mundo.

Após ter-se reunido com Ahmadinejad, Lula deu declarações protocolares sobre o encontro, enfatizando seu otimismo em relação à possibilidade de acordo. O brasileiro chegou a citar o percentual de 99% em torno do acordo. Até mesmo os aliados do Irã, como o presidente russo Dimitri Medvedev, foram mais realistas. Medvedev reduziu o percentual de probabilidade para 30%.

Aparentemente, essa é uma tacada de mestre, porque coloca Lula sob os holofotes internacionais. No en-

tanto, tudo tem duas faces. Com o objetivo de garantir para o Brasil um assento no Conselho Permanente de Segurança da ONU, o líder brasileiro está bancando o jogo. Como no pôquer, ninguém sabe se ele possui cartas boas ou se está apenas blefando.

No caso de estar blefando, pode mesmo é estar queimando a possibilidade de o Brasil conseguir o destaque desejado. Para isto, basta acreditar nas promessas vazias de Ahmadinejad e achar que fez sua parte.

Isso enfureceria os aliados naturais como EUA, França, Reino Unido e Alemanha que querem impor sanções mais duras ao Irã por causa de sua teimosia em enriquecer o urânio para fins militares – apesar de suas negativas.

Todos dizem ser uma ingenuidade de Lula acreditar nas promessas de um governante que até agora pouco tem feito para merecer crédito. E também mostrou que sabe ser cruel quando quer, como ocorreu na repressão aos opositores iranianos e à matança de curdos em seu próprio país.

Só saberemos se Lula tem mesmo um “flush street royal” ou está somente blefando depois de algum tempo. E neste caso, se ele perder a aposta, a banca pode estourar.

AINDA CABE RECURSO DA DECISÃO

Por: Eliakim Araujo

Você está passando os olhos nas notícias do dia e encontra a manchete: “Roriz e Maria de Lourdes Abadia são condenados por improbidade administrativa”.

“Oba, até que enfim pegaram peixe graúdo”, pensa o leitor, doido para ver punida essa cambada de políticos e empresários que lotearam o Distrito Federal. Na sequência da notícia, a primeira decepção: os dois terão que devolver aos cofres públicos o dinheiro gasto com tripulação, combustível e manutenção do helicóptero oficial usado indevidamente para fins particulares durante o mandato de 2002 a 2006.

Por que a decepção? Primeiro porque despesas com helicóptero devem ser micharia perto de tudo que já embolsaram de maneira, digamos, pouco ortodoxa. Segundo, porque a improbidade foi cometida há, no mínimo, quatro anos e só agora sai a sentença condenatória. O que fez a Justiça do DF durante todo esse tempo?

Mas a decepção maior estava reservada para a última linha da notícia: “ainda cabe recurso da decisão”.

Significa que os malandros não precisam pagar o que devem e ainda terão tempo suficiente para manobrar nas instâncias superiores e, quem sabe, procrastinar até que a ação prescreva. É o que deve acontecer com as duas figurinhas carimbadas da política do DF. Ou alguém tem dúvida?

Não posso deixar de voltar à questão migratória nos EUA que ganhou novos lances esta semana e está tomando um caráter plebiscitário. Como pesquisas de opinião pública, mais de uma, revelam que quase 60% dos entrevistados são favoráveis a aplicação de leis mais severas contra imigrantes indocumentados, os políticos estão pegando carona nesses números e tomando partido em relação ao tema.

Alguns até mudando de opinião, como o republicano John McCain, ex-candidato à presidência e que concorre à reeleição para o Senado. McCain, outrora aliado do falecido senador Ted Kennedy na luta por uma reforma migratória amplamente favorável aos imigrantes, agora mudou de lado e anunciou seu apoio à lei assinada pela governadora do Arizona, que transforma a imigração ilegal em crime.

Na Flórida, o republicano que disputa a indicação para o governo do Estado, o procurador-geral Bill McCollum, declarou seu apoio à lei do Arizona e admitiu que a mesma deveria ser adotada em seu Estado, contradizendo declaração que fez duas semanas antes quando considerou “extrema” a lei assinada pela governadora daquele Estado.

Por trás das declarações de políticos que traíram a causa do imigrante, está a oposição republicana ao governo

Obama, a quem acusam de não proteger as fronteiras norte-americanas e não resolver o problema da imigração. Na direção oposta, aumentou o número de cidades importantes do país que decidiram oficialmente boicotar comercialmente o Estado do Arizona. Antes já tinham se manifestado pelo boicote as cidades de San Francisco e Oakland, na Califórnia, e Saint Paul, no Minnesota. Desta vez, foi a importante Los Angeles, quando a Câmara de Vereadores votou por 13 a 1 a favor do boicote.

Indiferente à pressão, os políticos do Arizona esticaram a corda um pouco mais esta semana. Baixaram um decreto que elimina do currículo escolar dos cursos elementar e secundário o ensino da matéria “estudos étnicos”, que ensinava às crianças a história de outras culturas, principalmente a hispânica, e sua influência na formação da sociedade americana. Segundo as autoridades do ensino no Estado do Arizona, esses estudos promovem o ressentimento de outros grupos e leva à luta de classes. E ainda pregam “a destruição do governo dos Estados Unidos”. Um deles chegou ao cúmulo de afirmar que os “estudos étnicos ensinam aos estudantes latinos que eles são uma minoria oprimida”.

Como se vê, o clima está esquentando e este é um ano eleitoral. O tema será obrigatório nas campanhas e os candidatos terão que se posicionar contra ou favor de uma solução decente para os 12 milhões de imigrantes que vivem ilegalmente nos EUA. Observando a postura de cada um estará a comunidade hispânica, a maior minoria do país, que representa quase 20% da população do país. Por isso mesmo, pode-se dizer que as eleições para a renovação da Câmara Federal e parte do Senado terão um caráter plebiscitário em relação à questão da legalização dos imigrantes.

Frase de Martine Aubry, 60 anos, primeira-secretária do Partido Socialista francês e prefeita da cidade de Lille, depois da reunião de líderes europeus quando decidido o pacote de um trilhão para fortalecer o sistema bancário dos países da comunidade européia:

Para salvar as pessoas nunca há acordo, para salvar o mercado e as bolsas de valores logo aparece dinheiro.